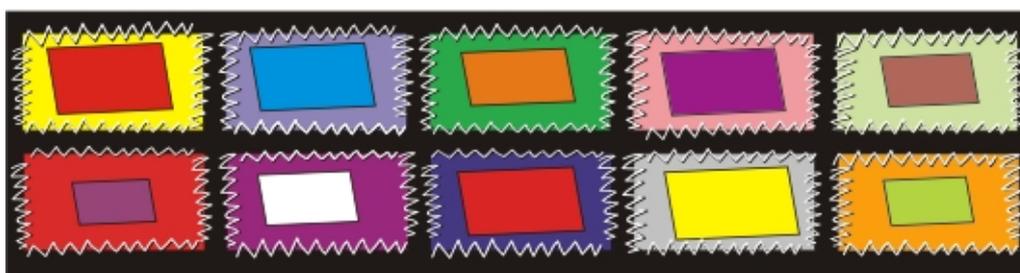


FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: olhares que se entrelaçam



Amanda F. Santos
Cladecir A. Schenkel
Elbo L. Ramos
Elenita P. Q. Silva
Flavia B. Teixeira
Gercina S. Novais
Gizelda C. S. Simonini
Graça A. Cicillini
Juliene L. A. Mendonça
Maria A. G. Lage
Maria G. Vieira
Mônica L. L. Ribeiro
Rafael A. O. Severo
Silvana Malusá
Simone M. A. S. Reis
Vilma A. Souza
Wagner L. G. Teodoro
Walteno M. P. Júnior

**Gercina Santana Novais
Graça Aparecida Cicillini**

organizadoras

junqueira&marin editores

Sumário

Identificação do capítulo:

PARREIRA JÚNIOR, Walteno M. O docente e a educação a distância. In: NOVAIS, Gercina S. & CICILLINI, Graça Aparecida (Org.). **Formação docente e práticas pedagógicas: olhares que se entrelaçam**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010. p. 69-99. ISBN:978-85-86305-83-2

O DOCENTE E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Walteno Martins Parreira Júnior⁷

Introdução

A discussão em torno do uso da Educação a Distância (EAD) é apaixonante e tem seus defensores e seus detratores, cada qual com suas justificativas e motivos. Este texto tem como objetivo traçar um panorama desta modalidade de educação e levantar as principais razões para este embate, apresentar as oportunidades para o uso na formação de professores, mostrar como está se desenvolvendo e para onde caminha.

Muito possivelmente, os preconceitos que a Educação a Distância sofre até nos dias atuais se devam à forma como ela se iniciou, pois tanto no Brasil como em outros países a sua origem foi no ensino de ofícios de baixa qualificação, no formato correspondência postal.

Machado (2008) inicia o seu trabalho colocando duas questões que são defendidas por correntes antagônicas sobre a utilização da Educação a Distância para a formação de professores e que também cabem neste trabalho.

Atualmente, com a evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no Brasil, a metodologia da Educação a Distância passa ser uma via de formação de professores, suscitando um debate polêmico em torno dessa questão. Por um lado, há a defesa de que a utilização das TICs é o caminho viável para qualificar com a formação superior um grande contingente de professores que não têm esse nível de ensino. Por outro, focando a qualidade, discute-se que, com os cursos de graduação presenciais, a formação de professores bem preparados para o exercício da profissão já encontra dificuldades, que serão intensificadas, se essa formação se der por meio dos cursos a distância (MACHADO, 2008, p. 1).

O próprio termo é alvo de discussão, pois pode-se usar Educação a Distância ou Ensino a Distância e, segundo Moran (2002, p. 1) “Na expressão ensino a distância a ênfase é dada ao papel do professor (como alguém que ensina a distância). Preferimos a palavra educação que é mais abrangente, embora nenhuma das expressões seja perfeitamente adequada”.

Seguindo esse entendimento, neste texto será utilizada a expressão Educação a Distância, pois, de fato, o que se faz é educação, só que utilizando outros recursos e espaços. A Educação a Distância ocorre quando o processo de ensino-aprendizagem acontece mediado por alguma tecnologia de informação e/ou comunicação, que pode ser livro impresso, vídeo, livro digital, Internet e outros recursos tecnológicos, e quando professor e alunos estão separados (MORAN, 2002, p. 1).

O intenso crescimento da modalidade de Educação a Distância nos últimos anos foi proporcionado pela maior demanda por cursos de atualização e capacitação e, também, pela necessidade de os governantes atenderem à população de pequenas e remotas cidades com a possibilidade de formação de professores para o ensino médio e fundamental.

Para o governo federal, a inovação nessa área passa pelo Projeto Universidade Aberta do Brasil (UAB), que surge como um meio bastante eficaz para a interiorização das vagas e atendimento de demandas por formação em nível superior há muito reprimidas. Também, espera-se que possa melhorar a educação básica em decorrência da possibilidade de formação inicial e continuada dos professores (MOTA et al. (2006):

[...] com a criação do Projeto Universidade Aberta do Brasil (UAB), por meio do qual será possível inovar, seja pelo estabelecimento de novas redes de colaboração, com novos e diferenciados partícipes [...] É um projeto que surge na confluência de alguns fatores recentes: a) materialização de ambientes e metodologias educacionais inovadoras e baseadas no avanço dos recursos tecnológicos de informação e comunicação [...]; c) pressão por expansão da educação superior, em termos de capilarização e interiorização da oferta, para atendimento das demandas nacionais reprimidas; d) ações de fomento e projetos voltados à educação superior a distância [...] no âmbito de políticas públicas voltadas para a melhoria da qualidade da educação básica, a partir da formação inicial e continuada de professores (MOTA, CHAVES FILHO & CASSIANO, 2006, p.14).

Agregando-se a esses aspectos o fato de que o desenvolvimento de novas tecnologias veio consolidar sua aplicação, pode-se afirmar que a educação presencial e a distância estão se aproximando cada vez mais com o uso de tecnologias modernas e midiáticas. E há a possibilidade de utilizar os recursos tecnológicos disponíveis para a educação a distância em aulas presenciais. Situação que já é uma realidade em muitas instituições, de acordo com Kenski (2008), Souza e Silva (2007) e Moran (2003). O desenvolvimento de cursos semipresenciais é um exemplo desta adaptação, em que

parte do conteúdo é disponibilizado para estudos a distância e outra parte é desenvolvida presencialmente.

Significa que, hoje, é possível realizar uma aula na qual os alunos possam se encontrar em um mesmo ambiente, mesmo que se encontrem em locais diferentes. Nesse ambiente de comunidade de aprendizagem, a interação com um palestrante, ou com professores situados em outro local, é em tempo real, por meio de conexão on-line entre os participantes. Contudo, a formação dos professores é de muita importância. A capacitação dos professores vai além da simples operação da máquina e dos processos interativos, devendo abarcar a formação para a utilização dos recursos tecnológicos pedagogicamente e criticamente, para melhor fazer a mediação entre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), os alunos e o conteúdo a ser ministrado (MARCOLLA & PORTO, 2004, p. 2).

As origens da educação a distância e seus usos

Esta modalidade teria surgido de meados para o fim do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos (LITWIN, 2001, p. 15), para atender aos interessados em aprender ofícios de pequeno valor acadêmico através de correspondências postais.

Segundo Mundim (2006, p. 119), a história da educação a distância pode ser dividida em quatro gerações, que correspondem às tecnologias mais amplamente utilizadas em cada fase. Estas gerações estão assim distribuídas:

- Primeira, de 1840 até 1970, com foco nos cursos por correspondências. Esses cursos tiveram por base materiais instrucionais impressos, que eram enviados pelos correios, cabendo ao aluno ser basicamente autodidata.
- Segunda, de 1970 até 1980, com foco nas Universidades Abertas. Trata-se de uma inovação, possibilitada pelo uso do rádio e da televisão, que vem em complementação à metodologia da fase anterior. Segundo Maia & Mattar (2007, p. 22), nessa esteira, “Surgiram as megauniversidades abertas a distância, em geral as maiores, em número de alunos, de seus respectivos países [...]”.

- Terceira, de 1980 até 1990, teve por base o uso de computadores multimídia e videotexto, empregando novas tecnologias tais como Internet, DVD e vídeos. Segundo Maia & Mattar (2007, p. 22), essa geração “[...] seria marcada pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação”.
- Quarta, após 1990, tem base na utilização de computadores multimídia, interatividade e “*e-learning*”. A inovação ocorre por causa dos avanços na tecnologia digital, que possibilitam a criação de novas formas de interatividade, reformulando a educação e o modo como os alunos aprendem a distância.

Esta divisão é didática, não é rígida, pois recursos amplamente usados em uma geração continuam a serem utilizados nas gerações seguintes. Como exemplo, os textos impressos e distribuídos via postal, da primeira geração, são recursos básicos de muitos cursos a distância utilizados nos dias de hoje.

Em termos de expansão, já em 1930 foram identificadas 39 universidades norte-americanas trabalhando com cursos a distância (LITWIN, 2001, p. 15). E, na década de 1960, surgiram universidades diretamente orientadas para oferecer Educação a Distância, como a Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, Fern Universität, na Alemanha, e a Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED), na Espanha. Também, no final dessa década, ocorreu a criação da Universidade Aberta da Grã-Bretanha, conhecida como Open University, que passou a ser um marco referencial, um modelo, por ser idealizada para funcionar como uma unidade autônoma, de qualidade, capaz de competir com instituições presenciais. A Open University, segundo Santos (2006, p. 215), é uma instituição que

[...] trabalha com uma missão: ser aberta às pessoas, lugares, métodos e idéias. O seu compromisso com a abertura é refletido na diversidade de seus estudantes, em termos de suas qualificações prévias, nacionalidade, gênero, idade, nível social e habilidades físicas [...] A abertura em relação a lugares é refletida nas oportunidades oferecidas para que o aluno estude em casa, no trabalho, na comunidade e até no exterior [...] permite que alunos portadores de deficiências físicas, ou que estejam cumprindo pena de prisão, tenham acesso irrestrito a um curso superior.

A Open University incorpora a flexibilidade inerente ao modo de Educação a Distância. Seu diferencial parece estar naquilo que Santos (2006, p. 215) destaca, ou seja, a instituição está sempre buscando métodos inovadores, testando outras formas de

ensinar e apoiando-se nas mídias disponíveis. Utiliza uma pedagogia denominada “*Supported Open Learning*” (Aprendizagem Aberta Apoiada).

Ao incorporar no processo de ensino e aprendizagem uma dinâmica baseada em diversos meios e num acompanhamento “de perto”, essa Universidade, segundo Santos (2006), consegue uma qualidade de ensino destacável. Logo, tornou-se um modelo de educação a distância com tendência a ser copiado, ajustado e aplicado a outros países.

No Brasil, as primeiras iniciativas de EAD constituíram-se de cursos por correspondência, oferecidos por professores particulares, por volta do ano 1900, conforme pode ser constatado através de anúncios em jornais do Rio de Janeiro, como esclarece Alves (2009, p. 9). Segundo esse autor, a primeira referência oficial foi sobre a instalação das Escolas Internacionais em 1904, filiais de uma instituição norte-americana, que ofereciam cursos de capacitação profissional para o comércio e serviços.

Em 1923, foi instituída a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com a finalidade da transmissão de programas educativos, significando uma possibilidade de educação popular a distância. Em 1934, Roquette-Pinto instalou a Rádio-Escola Municipal, no Rio de Janeiro, que inova por transmitir cursos com os alunos, tendo acesso aos folhetos e esquemas de aulas (MAIA & MATTAR, 2007, p. 24). Também, segundo Alves (2009, p. 9), em 1937 foi implantado o Serviço de Radiodifusão Educativa, do Ministério da Educação, seguindo-se outras várias ações educativas realizadas com a utilização do rádio.

Também, no Brasil, existem experiências continuadas de Educação a Distância por correspondência, como os cursos desenvolvidos por empresas como o Instituto Universal Brasileiro e o Instituto Monitor, que, desde a década de 1940, atuam no mercado de Educação a Distância (ALVES, 2009, p. 10).

Ainda com relação à experiência brasileira, em 1947, segundo Maia & Mattar (2007, p. 23), é organizada uma rede de radiodifusão, “Senac, Sesc e emissoras associadas fundaram a Universidade do Ar [...] com o objetivo de oferecer cursos comerciais radiofônicos”. Com efeito, outras experiências foram realizadas nas décadas de 1950 e 1960, para a alfabetização de adultos e profissionalização. Segundo Alves (2009, p. 9), em 1959, a Igreja Católica criou algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB)⁸. Nas décadas seguintes, 1970 e

1980, há uma popularização desses cursos que passam a ser oferecidos pela TV, rádio e fitas de vídeo, complementados por livros e revistas impressos, oferecidos por várias empresas privadas, por universidades e Embrapa. Na década de 1990, deu-se início ao Tele-Curso 2000, da Fundação Roberto Marinho, transmitido via TV, ou gravado em fitas de vídeo e complementado por fascículos, vendidos em bancas de revistas.

Na atualidade, merece destaque a criação da UniRede (Universidade Virtual Pública do Brasil), composta por aproximadamente 70 instituições públicas federais e estaduais, dispostas a desenvolver educação a distância, possibilitando a diminuição da resistência de professores e gestores em relação à EAD.

Outras experiências interessantes foram desenvolvidas, tais como a criação do curso de pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em consórcio com o governo do Estado de Mato Grosso e a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), com a intenção de oferecer formação superior aos professores da rede pública do Estado (FRANCO, 2006, p. 29). Também, a experiência do projeto Veredas, que foi desenvolvido pelo governo do Estado de Minas Gerais em consórcio com 18 instituições educacionais do Estado, entre elas: Universidade do Estado de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Uberlândia e Universidade de Uberaba, com o mesmo intuito de capacitar e qualificar os profissionais da área de educação pública estadual.

Destaca-se, do mesmo modo, a criação do Consórcio CEDERJ (Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro), que, congregando o governo do estado e as universidades públicas locais, abriu vagas para a formação de professores em exercício, bem como vagas para a comunidade em cursos de licenciatura.

Em 2005, foi apresentado pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) do Ministério da Educação (MEC) o projeto Universidade Aberta do Brasil (UAB), com base nas instituições federais de educação superior, que disponibilizam os cursos em polos previamente organizados por prefeituras e estados interessados. O sistema UAB propõe o aprimoramento da Educação a Distância, visando a expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior.

Foi importante a criação da SEED-MEC, em 1995, para concentrar as políticas governamentais referentes à EAD em um único órgão e, com isso, possibilitar a atuação transversal do tema com as outras Secretarias do MEC e até com outros ministérios,

assim como, com organizações não-governamentais. A SEED-MEC, ao regulamentar a educação a distância e promover projetos institucionais como TV Escola, Proinfo e outras ações para o desenvolvimento da área, vai consolidando a EAD no Brasil. Segundo Mota *et al.*, (2006, p. 13), o “[...] sucesso alcançado pela SEED nesses dez anos de vida, se deve à estratégia de trabalho colaborativo com os parceiros de projetos, em destaque as instituições de educação superior, as Secretarias Estaduais de Educação e as demais Secretarias do MEC”.

Assim, a história da EAD no Brasil completa um século de atividade, contemplando a utilização de vários recursos tecnológicos que permitiram um crescimento exponencial da modalidade, como constatam Torres & Fialho (2009, p. 457). Os dados, apresentados por Machado (2008, p. 3-4) e divulgados em novembro de 2008, pelos quais se indica um aumento de 270% na procura por cursos não presenciais nos últimos cinco anos, na área de formação de educadores, em contraposição, no mesmo período, a um crescimento das matrículas nos cursos presenciais da ordem de 17%, colabora a afirmação de crescimento da EAD no Brasil. Com estes resultados, pode-se pensar que a EAD está conseguindo atender aos seus objetivos de atingir aos que não conseguem frequentar um curso presencial.

Na realidade, uma conjunção de esforços contribuiu para que as barreiras da desconfiança na Educação a Distância fossem quebradas e para que a utilização da EAD e das novas tecnologias se tornasse possível na educação. Apesar de qualquer repulsa tecnológica, educação e tecnologia sempre caminharam juntas (TORRES & FIALHO, 2009, p. 456).

Educação a Distância e a utilização da tecnologia

Em princípio, em qualquer nível de educação pode-se utilizar da EAD para efetivar o seu desenvolvimento. No Brasil, a EAD tem sido usada mais em cursos de pós-graduação *latu senso* e em treinamentos, começando agora a atingir em maior escala cursos de graduação. Segundo Moran (2003, p. 7), a “[...] educação a distância pode ser feita nos mesmos níveis que na educação regular: É mais adequada para a educação de adultos, principalmente para aqueles que já têm experiência consolidada de

aprendizagem individual e de pesquisa, como acontece na pós-graduação e também na graduação”.

O projeto educacional de cursos a distância, que visem à qualidade pedagógica e técnica, exige definição das mídias e dos recursos tecnológicos a serem utilizados em primeiro lugar; análise e aquisição de equipamentos; forma de tratamento do conteúdo que será disponibilizado; e formação de profissionais de suporte, tanto técnico quanto docente, para compor a equipe educacional do curso. Para Vani Kenski (2006, p. 3),

As atividades educacionais realizadas em EAD são veiculadas pelos mais diferentes tipos de mídias. A escolha do suporte midiático define a modalidade de educação a distância que está sendo oferecida. Assim, o ensino por correspondência tem planejamentos e estruturação bem diferenciada dos projetos realizados via rádio, videoconferência ou via Internet. Todos exigem escolhas cuidadosas, planejamento e gestão diferenciados.

A utilização de recursos tecnológicos na educação sempre foi permeada de discussões em torno da importância do seu papel e da relação com o professor, situação que está presente na EAD, na qual os defensores do uso intensivo destas tecnologias encontram o contraponto na busca de maiores contatos e interações com professores e tutores.

No contexto da EAD, os professores estão assumindo novos papéis. Partilham a responsabilidade de planejamento do curso com o organizador (dessa parceria surgiu a divisão do processo de criação e desenvolvimento do curso em várias etapas), bem como, se responsabilizam pelo desenvolvimento de conteúdo e atuam como mediadores da informação, tutoria e suporte aos alunos. Assim,

Como autor de material para EaD, o professor tem agora que elaborar e organizar conteúdos. Para isso, precisa desenvolver novas habilidades, como focar poucos conceitos em cada aula; planejar o material de maneira que o aluno tenha tempo suficiente para percorrer as aulas e realizar as atividades; definir letras, tamanhos, cores e fundos para integrar a mensagem; fazer escolhas no material visual a ser utilizado nas aulas [...]; planejar sons e animações; dominar recursos multimídias; e assim por diante (MAIA & MATTAR, 2007, p.90).

Nesse modelo, o professor, no papel de tutor, atua na área administrativa, organizacional, social e pedagógica. Ele é o responsável pelo contato inicial,

acompanhamento do aprendizado dos estudantes, fornecimento do *feedback*, estímulo à participação dos alunos nas atividades, avaliação das respostas e atividades, coordenação das discussões, dentre outras ações:

Em EaD, o tutor desempenha diferentes papéis simultaneamente [...] O tutor desempenharia, portanto, um papel administrativo e organizacional. O tutor é também responsável pelo contato inicial com a turma; por provocar a apresentação dos alunos e lidar com os alunos mais tímidos [...] Uma das funções mais importantes do tutor é justamente dar *feedback* constante a seus alunos [...] Há ainda uma função pedagógica e intelectual atribuída ao tutor, que envolve elaborar atividades, incentivar a pesquisa, fazer perguntas, avaliar respostas, relacionar comentários discrepantes, coordenar as discussões, sintetizar seus pontos principais e desenvolver o clima intelectual geral do curso, encorajando a construção do conhecimento (MAIA & MATTAR, 2007, p. 91-92).

A tecnologia tem estado presente na transmissão de conhecimentos há muito tempo. O homem utilizou as paredes das cavernas para armazenar os conhecimentos daquele tempo e, mais tarde, manuscritos foram utilizados para armazenar informações acumuladas. A chegada do livro impresso foi um marco para a educação, por permitir a reprodução em larga escala e a distribuição para qualquer lugar. Finalmente, com a utilização dos recursos digitais de armazenamento e distribuição de conteúdos, torna-se possível alcançar, rapidamente, lugares remotos e de difícil acesso. Para Pierre Lévy (1993, *apud* Kenski, 1998, p. 61), é possível categorizar o conhecimento existente nas sociedades em três formas diferentes: a oral, a escrita e a digital. Embora essas formas tenham se originado em épocas diferentes, elas coexistem e estão, todas, presentes na sociedade atual e, com efeito, na EAD.

O uso da tecnologia foi modificando os hábitos e as formas de comunicar, de viver e de relacionamento, permitindo novas ações e interações, aproximando pessoas e disponibilizando novas informações:

As tecnologias, em todos os tempos, alteraram as formas de retenção e lembrança, funções usuais com que os homens armazenam e movimentam suas memórias humanas, seus conhecimentos. Na atualidade, as novas tecnologias de comunicação não apenas alteram as formas de armazenamento e acesso das memórias humanas como, também, mudam o próprio sentido do que é memória. Através de imagens, sons e movimentos apresentados virtualmente em filmes, vídeos e demais equipamentos eletrônicos de comunicação, é possível a fixação de imagens, o armazenamento de vivências, sentimentos,

aprendizagens e lembranças que não necessariamente foram vivenciadas in loco pelos seus espectadores (KENSKI, 1998, p. 59).

Na verdade, a utilização de recursos tecnológicos na educação, conforme já salientado, vem de muito tempo atrás. Tanto o quadro negro e o giz, como o retroprojetor e o mimeógrafo, até o computador e o *data-show*, nos dias atuais, são recursos postos à disposição do professor em sala de aula.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e o agora denominado *ciberespaço*⁹ formam um novo espaço pedagógico, onde são oferecidas novas possibilidades e desafios para as atividades cognitivas dos alunos e dos professores e dão continuidade a essa *linha do tempo*. Na maioria das atividades escolares, o computador e a Internet são utilizados como fontes de informações, comunicação e de pesquisa complementar. Porém, mais do que a função instrumental e restrita do uso dessas tecnologias para a realização de tarefas em sala de aula, é chegada a hora de ampliar os horizontes da escola e de seus participantes. Como bem coloca Moreira et. al. (2006, p. 194):

[...] é importante que o computador não seja inserido nos ambientes virtuais de aprendizagem, dentro de uma visão “fordista” de trabalho (segundo a qual as máquinas eram usadas para aumentar a produção do trabalhador), exigindo do aluno uma aceleração irrealista de sua aprendizagem.

Atualmente, novas oportunidades e novas possibilidades se abrem para a transmissão de informações com a utilização das novas TICs. Os recursos da computação e Internet extrapolam a sala de aula e permitem a distribuição do conhecimento para pessoas em diferentes tempos e espaços. São oportunidades que, ao serem aplicadas à educação, não devem significar uma acumulação não intencionada e não planejada de conhecimento. Moran (2000, p. 4) afirma que a Internet possibilita a divulgação da produção de professores e alunos para todos que estão conectados, desenvolvendo, assim, novas formas de comunicação:

Ensinar utilizando a Internet pressupõe uma atitude do professor diferente da convencional. O professor não é o “informador”, o que centraliza a informação. A informação está em inúmeros bancos de dados, em revistas, livros, textos, endereços de todo o mundo. O

professor é o coordenador do processo, o responsável na sala de aula (MORAN, 2000, p. 4).

Mas, simplesmente colocar o computador em sala de aula, ou transcrever o material do professor para uma mídia digital, não garante a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. O recurso tecnológico deve ter seu uso calculado para apoiar as ações planejadas no plano pedagógico do curso ou disciplina em questão. Como dizem Moreira et al. (2006, p. 194): “Seria uma impropriedade admitir que o computador em si, através de seus recursos, ou seja, pela forma como disponibiliza os materiais instrucionais para o estudante seja garantia de aprendizagem”.

Neste estágio, segundo Moran (2000, p. 4), pode-se utilizar os recursos computacionais, principalmente a Internet, para estimular o aluno a escrever melhor, a se interessar por línguas (principalmente o inglês, por ser a língua mais utilizada na Internet), a melhorar as relações interpessoais, a buscar as trocas de informações e o desenvolvimento de trabalhos em grupo. Pode-se observar que

Os aprendizes devem ter novas habilidades para serem capazes de estudar em ambientes informatizados de aprendizagem, característicos da sociedade da informação e do conhecimento: autodeterminação e orientação, capacidade de selecionar, de tomar decisões e de organização. Esperam-se também novas atitudes e são propostas novas atividades nos ambientes de aprendizagem virtuais, como aprender de modo autônomo, desenvolver estratégias de estudos adequadas e utilizar e explorar os novos recursos de comunicação. Esperam-se ainda *insights* pedagógicos do aprendiz virtual, confiança no uso da tecnologia e motivação extra para os estudos (MAIA & MATTAR, 2007, p. 85).

Completando este raciocínio, no tocante à utilização do computador como apoio às aulas, bem como à produção de saberes docentes, relacionados ao trabalho com a utilização de novas tecnologias, pode-se dizer que “O desafio de recriar o lugar do professor passa pelo de redefinir o papel do computador como instrumento/ferramenta pedagógica, a serviço da criação de um ambiente que propicie a construção do conhecimento e a atividade criativa para aluno e professor” (SOUZA JÚNIOR & SILVA, 2007, p. 76, *apud* RIPPER, 1996, p. 69).

Os novos recursos tecnológicos contribuíram para alterações na operacionalização da EAD, em que estão correndo significativas mudanças nos processos de interação e comunicação humana, com o uso intensivo da Internet e dos

denominados *Ambientes Virtuais de Aprendizagem* (AVA). Um AVA é um espaço que utiliza as TICs e no qual seres humanos e objetos digitais interagem para propiciar a construção do conhecimento. Segundo Silva (2003, *apud* Torres & Fialho, 2009, p. 459), “AVA é a sala de aula on-line. É composto de interfaces ou ferramentas decisivas para a construção da interatividade e da aprendizagem”. As possibilidades de comunicação síncrona¹⁰ e assíncrona¹¹ da Internet viabilizam o contato entre pessoas e o acesso aos dados disponibilizados nos mais diversos espaços, a qualquer tempo. O uso dos recursos disponíveis na Internet, tais como o correio eletrônico (e-mail), bate-papo (chats), fóruns de discussão e murais de avisos, permite troca de informações e diálogos entre professores e alunos. Pode-se ainda fazer inserção de vídeos e animações, comunicação falada, visualização dos participantes em tempo real e até videoconferência com os participantes. Assim, as mídias digitais caminham para a integração de recursos, aumentando suas possibilidades de comunicação.

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem permitem a postagem de textos, desenhos, esquemas, fotos, animações, sons e vídeos. Os alunos podem salvar os arquivos disponíveis ou imprimi-los para posterior utilização. Nos AVAs, os alunos podem interagir com os professores e com os colegas em *chats* e fóruns de discussão. Podem ainda desenvolver as suas atividades, quer sejam apresentações, testes ou exercícios individuais ou em grupo, com a possibilidade de serem enviadas imediatamente para o professor ou para os participantes do curso. Os alunos podem fazer comentários sobre as atividades e as contribuições dos colegas, criando um clima de troca de experiências, concorrendo para a cooperação e para a aprendizagem. Os professores podem fazer os comentários sobre as atividades entregues, assim como retornar comentários e solicitações.

A formação docente

O professor é aquele que ensina o aluno a aprender, a construir o seu conhecimento. Não é possível ensinar passivamente, mas sim em uma atitude proativa, estimulando o aluno a ser sujeito da ação, ou seja, “[...] o professor agora é mediador e como tal precisa ser pesquisador, integrador, comunicador, questionador, criativo,

colaborador, eficiente, flexível, gerador de conhecimento, atualizado, difusor de informação e comprometido com as mudanças deste novo período histórico” (HARGREVES, 2004, p. 60).

As instituições tradicionais, que podem ser definida como toda instituição educacional que utiliza somente os recursos necessários para uma aula presencial, estão migrando seus cursos para educação *on-line*, com isso, cria-se uma demanda por professores para atuar com as TICs, que se torna ainda maior quando se soma à demanda estabelecida pelas novas instituições que já estão se desenvolvendo neste novo padrão. Essa demanda bate à porta das faculdades e universidades que formam professores, instigando-as a trabalhar estes novos conteúdos e familiarizar seus alunos com a utilização da tecnologia e suas aplicações. Como reitera Kenski (1998, p. 69):

Não é possível pensar na prática docente sem pensar, antecipadamente, na pessoa do docente que está em pauta e em sua formação que, como vimos, não se dá apenas durante o seu percurso nos cursos de formação de professores, mas permanentemente, durante todo o seu caminho profissional, dentro e fora da sala de aula.

Faz parte do mesmo processo a preparação das escolas para receber as novas tecnologias, assim como os professores e alunos devem estar abertos a novas opções de recursos técnicos e didáticos. Segundo Marcolla & Porto (2004, p. 2), a utilização das TICs na educação depende, antes mesmo da sua aplicação na sala de aula, da formação do professor para lidar crítica e pedagogicamente com elas. Assim, o projeto pedagógico da escola precisa contemplar claramente qual a utilização e em qual contexto serão aplicadas, assim como a preparação dos professores para a manipulação destes recursos em consonância com este projeto. O professor precisa familiarizar-se com a tecnologia que será disponibilizada e se preparar, e

Antes de tudo a esse professor devem ser dadas oportunidades de conhecimento e de reflexão sobre sua identidade pessoal como profissional docente, seus estilos e seus anseios. Em uma outra vertente, é preciso que este profissional tenha tempo e oportunidades de familiarização com as novas tecnologias educativas, suas possibilidades e limites para que, na prática, faça escolhas conscientes sobre o uso das formas mais adequadas ao ensino de um determinado tipo de conhecimento, em um determinado nível de complexidade, para um grupo específico de alunos e no tempo disponível (KENSKI, 1998, p. 69).

Sobre o desenvolvimento dos projetos pedagógicos para cursos de licenciatura – que na prática vão formar os novos professores ou, em muitos casos, docentes que ainda estão em formação – são necessárias abordagens pedagógicas inovadoras com um maior grau de detalhamento vertical, permitindo aos gestores a transformação da prática docente de reprodutora de situações para uma prática criadora de oportunidades de aprendizado. No mesmo sentido, segundo Rezende (2006, p. 129),

[...] os projetos pedagógicos deveriam indicar uma fundamentação e justificção coerentes e consistentes com a organização curricular, estratégias e matérias que propiciassem o desenvolvimento da autonomia e criatividade dos aprendizes-docentes, cuja referêcia da presente formação seja aplicada durante e no futuro de sua ação docente na rede oficial de ensino.

É nesse ponto que ganha importância outro vetor desse contexto de aplicação de novas tecnologias: a pesquisa. Pesquisas estão sendo desenvolvidas para avaliar o impacto da utilização dos recursos computacionais na sala de aula e a consequente influência na aprendizagem dos alunos. Essas pesquisas demonstram que tanto a escola como os docentes, de um modo geral, ainda não estão preparados para as TICs. Como dizem Marcolla & Porto (2004, p. 2):

Essa forma de pensar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), enquanto instrumentos formadores de sujeitos no espaço escolar, constrói-se não apenas com a presença (ou inserção) das ferramentas tecnológicas na escola. Ela depende, antes de tudo, de uma formação do professor, que o torne capacitado à mediar TICs, alunos, conhecimentos e realidade.

Souza Júnior & Silva (2007, p. 70-71), ao investigar a prática profissional de professores de matemática na escola pública em relação à utilização das TICs em sala de aula, conclui que é necessária uma articulação com relação à formação inicial e o desenvolvimento profissional, permitindo a capacitação do futuro profissional na utilização do computador ainda na graduação. E citando Costa (2004, p. 193) considera que o

[...] trabalho colaborativo, entrelaçando professores escolares e pesquisadores envolvidos em um movimento de refletir a própria prática pedagógica, aliado à utilização das TICs pode contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento profissional dos professores.

Nos dias atuais, os jovens e adolescentes já convivem com a tecnologia em casa, através da TV a cabo, do videogame e do computador ligado à Internet, criando uma situação desconfortável para professores da rede pública que, grosso modo, não vivem essa realidade. Como afirma Litwin (2001, p. 17), “[...] estas tecnologias influem nos espaços lúdicos das crianças e dos jovens, tendo em vista que fazem parte de suas atividades de ócio ou entretenimento.” Desse modo, os professores ficam em situação de inferioridade tecnológica com os alunos e, em muitos casos, eles se sentem ameaçados em sua autoridade de mestre. Por este desconhecimento na utilização das TICs, acabam se recusando a utilizar tais recursos em sala. Para resolver esta questão, cursos de atualização devem ser oferecidos. Litwin (2001, p. 17) afirma que

Ao conceber as novas tecnologias como ferramenta para a construção de conhecimento, reconhecemos que jovens e adultos enfrentam um mundo influenciado pela utilização das tecnologias em todos os processos de produção, e que nestas tecnologias, por sua vez, sofrem velocíssimos processos de mudanças, estruturados em mecanismos cada vez mais eficientes nos termos clássicos tempo, custo e esforço.

Certamente, o aparecimento da escrita modificou a forma de agir e pensar do homem em relação à acumulação de conhecimento e, com o surgimento do livro impresso, ocorreu uma ampliação da retenção de conhecimento. Também a fotografia e o cinema ampliaram estas ações. Agora, a tecnologia da informação ampliou demasiadamente a acumulação e a distribuição do conhecimento gerado pela humanidade. Capacitar professores e instituições para utilizar os recursos técnicos e os conhecimentos armazenados, agora não somente em livros, mas em documentos digitais, é um dos novos desafios. Para Moran (2002, p. 4), modificar padrões adquiridos por organizações e pela sociedade é difícil e desigual, e, também, a mudança é lenta. Segundo esse autor, alguns estão preparados para as mudanças, enquanto outros não estão.

Capacitar professores e instituições para utilizar os recursos técnicos e os conhecimentos produzidos e armazenados constitui novos desafios para formadores.

Azevedo (2001), na palestra “Capacitação de Recursos Humanos para Educação a Distância”, apresentada no CRUB¹², discorre sobre o que ele pensa sobre as qualidades do professor-docente que atuará nos cursos a distância nos próximos anos, afirmando:

Para a segunda modalidade de EAD (denominada de EAD pós-industrial) são necessários profissionais especializados em animação de comunidades virtuais de aprendizagem colaborativa, capazes de mobilizar alunos para a interação coletiva com outros alunos e seus professores. Estes profissionais são os próprios docentes. Não são necessários "tutores", pois o atendimento pedagógico ao aluno é realizado pelo próprio professor, devidamente capacitado para as funções de animação e mobilização da comunidade de aprendizagem [...] O recurso humano básico é mesmo o professor (AZEVEDO, 2001, p. 1).

Nessa mesma palestra foi descrito o modelo de EAD atual, o caminho que a EAD seguirá nos próximos anos e a forma de capacitação do professor para enfrentar os desafios:

A capacitação de conteudistas, tutores e profissionais para a modelagem auto-instrucional é ainda necessária, pois certamente, embora decrescente, é ainda significativa em nossa sociedade brasileira a demanda por este tipo de EAD industrial. Mas não há dúvidas de que é para a capacitação de docentes especificamente em pedagogia *online*, em estratégias de ensino *online*, em animação de comunidades virtuais de aprendizagem colaborativa, que deve se voltar a atenção dos que olham para o futuro. Esta capacitação não pode ser feita de outra forma que não *online*. Não faz sentido aprender a nadar senão na água. E aí um ponto simples, porém de grande importância, se apresenta: para ser um professor *online*, é preciso antes ter sido um aluno *online*. Aquele que vai capacitar-se para lecionar a distância via Internet precisa também ser ambientado, precisa também passar pela mesma experiência de adaptação ao novo espaço-tempo-comunidade virtuais (Ibid., p. 2).

A expansão das redes informatizadas, das intranets e principalmente da Internet, não dá sinais de redução de ritmo. Pelo contrário, iniciativas governamentais, como as anunciadas recentemente pelo governo federal, provocarão um crescimento ainda maior no número de usuários da Internet no país. Também, ao mesmo tempo, se intensifica a procura por formação superior nas mais diversas áreas. A coincidência desses dois movimentos de expansão, aliada à portaria do MEC, que autoriza a inclusão de carga horária não-presencial em cursos regulares de graduação, aponta para o caráter estratégico dos investimentos em EAD na modalidade *on-line*. Capacitar seus docentes, especificamente para serem professores *on-line* é o grande desafio a que as universidades brasileiras são chamadas a responder hoje. Segundo Torres & Fialho (2009, p. 457), as instituições educacionais precisam dominar a tecnologia digital para criar ambientes, formatar e publicar conteúdos e atividades multimídia, assim como elaborar estratégias pedagógicas para o atendimento *on-line* do aluno.

O presidente Lula, no discurso de posse do segundo mandato, anunciou a expansão do programa de implantação de laboratórios de informática e de acesso à Internet, através do ProInfo, em todas as escolas públicas nos próximos quatro anos.

O ProInfo é um projeto desenvolvido pelo MEC, por meio da Secretaria de Educação a Distância, em parceria com governos estaduais e municipais, destinado a introduzir as tecnologias de informática e telecomunicações na escola pública. O ProInfo representa um marco na ação governamental, no sentido de dar acesso às modernas tecnologias. Com essa ação, o governo espera auxiliar o professor em sua capacitação e tornar-se mais bem preparado para ajudar os estudantes a participar de transformações sociais que levem os seres humanos a uma vida de desenvolvimento autossustentável. A intenção do governo é que esse projeto represente um avanço tecnológico na escola pública, na preparação de professores e alunos para a utilização dos recursos digitais em sua vida. Contudo, é uma ação que requer continuidade. Conforme Souza Júnior & Silva (2007, p. 73), “[...] esse processo de informatização das escolas públicas, bem como o de educação continuada dos professores, deva ser acompanhado e estudado, constantemente, para que se aprimorem os métodos de ensino baseados no uso desses computadores e a eficiência dos professores diante das novas tecnologias”.

Certamente, é necessário o entendimento de que haverá mudanças no processo de educação tradicionalmente utilizado em sala de aula presencial. Um processo que solicita alterações na prática do docente envolvido na EAD, que perpassa um repensar de abordagens e utilização de práticas diferentes e inovadoras com um maior grau de detalhamento do assunto, para suprir a ausência espacial do professor. Para Kenski (2006, p. 18), serão necessárias

Propostas que envolvam práticas educacionais criativas, com ênfase em valores como o conhecimento crítico, a autonomia do pensamento, flexibilidade e habilidade para o desempenho de funções que se renovam a cada momento. Que garantam a capacidade de diálogo e de interação e o fomento à vida em comunidade.

São saberes docentes que vão ao encontro da caracterização que Torres & Fialho (2009, p. 460) fazem do professor da escola do futuro. Para esses autores, a escola do futuro precisa de professores movidos pelo desejo de aprender com o outro, que

ensinem com alegria e prazer, que busquem um tempo pedagógico que misture a sapiência com a sabedoria. Que a escola dê as condições para que os alunos aprendam com paixão e alegria, sem deformá-los.

À guisa de conclusão

Há que considerar que nem tudo são positivities afirmativas de benefícios, pois ainda que o impacto das TICs na sociedade seja grande e esteja modificando as relações sociais, seja pelo aumento da exigência por novas oportunidades de aprendizagem, seja pela maior disponibilidade de cursos, as melhores oportunidades estão com aqueles que têm acesso à tecnologia, ou seja, com os que possuem condições financeiras. Como diz Tardif & Lassard (2008, p. 267), o uso das TICs contribui para adaptar os produtos da escola virtual aos estudos do mercado. A concepção e o lançamento de produtos educativos no mercado estão submetidos à concorrência, e o poder do saber está consolidado nas multinacionais de edição e comunicação. Produtos educativos multimídias são distribuídos no mundo todo, uniformizando a educação e a cultura.

Por isso, Tardif & Lessard (2008, p. 277) apresentam três atitudes que podem ser assumidas pelo professor em relação à mudança na prática educativa, que são: a) uma atitude de resistente, denominado “dinossauro” pelos colegas; b) uma atitude de convertido entusiasta, denominado “missionário”; e c) uma atitude de ator pragmático e oportunista, mas crítico e lúcido. O desafio é achar o equilíbrio entre as posições e utilizar as TICs como aliadas na tarefa de educar. Ainda segundo Tardif & Lessard (2008, p. 268), as TICs parecem ser inevitáveis no ambiente escolar, e os docentes devem aprender a utilizá-las para fins pedagógicos, e elas podem modificar o papel do docente, transformando-o de transmissor dos conhecimentos para facilitador da construção do conhecimento.

Acredita-se que o docente e os discentes podem utilizar a tecnologia como aliada nos processos de ensino e aprendizagem, começando pelos recursos que são mais familiares e fáceis de utilizar e, a partir daí, dar novos passos rumo aos outros recursos tecnológicos.

O fortalecimento da figura do professor-autor, aquele professor responsável pela produção do material didático impresso ou digital, denominado objeto de aprendizagem – que terá caráter de produção de conhecimento, que será utilizado em cursos e distribuído por AVAs – será cada vez mais requisitado. Será preciso trabalhar conteúdos, contemplando a teoria, a problematização, o diálogo e a reflexão, contribuindo para a construção do conhecimento pelo aluno.

A EAD está sendo modificada pela utilização de novos recursos e também pelo desenvolvimento de modelos educacionais adaptados para esta nova realidade. Como diz Moran (2002, p. 3):

Estamos numa fase de transição na educação a distância. Muitas organizações estão se limitando a transpor para o virtual adaptações do ensino presencial (aula multiplicada ou disponibilizada). Há um predomínio de interação virtual fria (formulários, rotinas, provas, e-mail) e alguma interação on-line (pessoas conectadas ao mesmo tempo, em lugares diferentes). Apesar disso, já é perceptível que começamos a passar dos modelos predominantemente individuais para os grupais na educação a distância. Das mídias unidirecionais, como o jornal, a televisão e o rádio, caminhamos para mídias mais interativas e mesmo os meios de comunicação tradicionais buscam novas formas de interação. Da comunicação off-line estamos evoluindo para um mix de comunicação off e on-line (em tempo real).

Neste momento, várias experiências estão sendo desenvolvidas nas instituições, e cada uma delas busca uma identidade para os seus cursos a distância. Nesse sentido, utilizam-se de mídia impressa em conjunto com aulas presenciais, mídia impressa com atendimento via telefone ou correio, mídia eletrônica com apoio da Internet, etc. Uma forma de educação que poderá ser amplamente utilizada:

Com a evolução do *Blended Learning*¹³, que no futuro deverá ser a forma predominante de aprendizagem, passa-se a ter um espectro de possibilidades de ações educacionais com diferentes proporções de atividades virtuais, locais, remotas, ao vivo, distantes ou presenciais [...] Seria, então, a dimensão 'distância' um parâmetro adequado para classificar as atividades educacionais? (TORI, 2009, p. 123).

Nestes caminhos que estão sendo trilhados pela EAD com a utilização das TICs e com a busca de oportunidades que permitam a combinação de vários recursos para atender à conveniência de quem estuda a distância, ou mesmo de quem ministra as aulas, um modelo chama a atenção:

O modelo de EAD que mais cresce no Brasil combina a aula com o atendimento on-line: tele-aulas por satélite ao vivo, tutoria presencial e apoio da Internet. Aulas ao vivo para dezenas ou centenas de tele-salas, simultaneamente, onde em cada uma há uma turma de até cinquenta alunos, que assiste a essas aulas sob a supervisão de um tutor local e realiza algumas atividades complementares na sala. Há alguma interação entre alunos e professores através de perguntas mandadas via *chat* e que podem ser respondidas ao vivo via teleconferência, depois de passarem por um filtro de professores auxiliares ou tutores. Essas aulas são complementadas nas salas com atividades supervisionadas por um tutor presencial e outras, ao longo da semana, orientadas por um tutor *on-line* (MORAN, 2007, p. 1).

A educação está caminhando para a integração das tecnologias e das modalidades de ensino, o que representa grandes desafios a todos que estão envolvidos com a educação. Como reitera Moran (2003, p. 10): “Vivemos um período de grandes desafios no ensino focado na aprendizagem. Podemos encontrar novos caminhos de integração do humano e do tecnológico; do racional, sensorial, emocional e do ético; integração do presencial e do virtual; da escola, do trabalho e da vida”.

Neste processo de integração das novas tecnologias com as mídias tradicionais, dos recursos modernos com os meios convencionais, afirma Moran (2000, p. 7): “A palavra chave é integrar [...] Integrar o mais avançado com as técnicas convencionais, integrar o humano e o tecnológico, dentro de uma visão pedagógica nova, criativa, aberta.” Ainda, segundo o autor, “Educar ainda é a profissão fundamental do presente e do futuro, integrando as formas de comunicação pessoal e tecnológica em prol do grupo”.

Kenski (2008, p. 2) afirma que a escola não perderá a sua posição de instituição social e educacional, mas que terá a sua missão ampliada e conclui, citando Azevedo (2004), que a escola deve

[...] responder a uma pluralidade de mandatos sociais (de instrução, de socialização, de profissionalização, de participação cívica, de formação ética, de desenvolvimento estético,...), subordinando-os não apenas ao referente econômico (formar recursos humanos, fatores de produção), mas ao desenvolvimento das pessoas, qualquer que seja a sua idade, qualquer que seja o momento em que procuram o ensino e a formação.

O homem utilizou a sua inteligência para o seu desenvolvimento, para mudar o que não lhe era favorável e segue esse mesmo caminho para continuar a construção da civilização. Neste bojo, a escola está passando por modificações em seu modo de

trabalhar, significando a incorporação de novos recursos tecnológicos e adaptação do professor a esse novo tempo. É nesse enclave que

Precisamos de professores capazes de viver e desenvolver uma inteligência astuciosa, capazes de formar uma identidade coletiva, de grupo, em que o saber não seja uma aquisição pessoal. Precisamos de professores que sejam capazes de compartilhar seus conhecimentos com os demais, pois o professor não é dono do saber, e sim, alguém que aprende com o grupo e com seus alunos [...] Vivemos em um mundo wiki, em que cada um escreve e contribui com sua singularidade, com sua unicidade e multiplicidade, em que as computações, as computações das computações, as megacomputações se transformam em cogito (TORRES & FIALHO, 2009, p. 460).

Assim, ao falar da tecnologia do futuro, não dá para fazer previsões, mas dá para pensar em integração das mídias existentes, em melhor aproveitamento da Internet com a utilização da web 2.0, da realidade virtual em larga escala com desenvolvimento de atividades em 3D, em acesso virtual ao acervo das principais bibliotecas do mundo aos estudantes e também em promessas tecnológicas como a nanotecnologia¹⁴.

Alguns textos apresentam restrições à utilização da EAD e estes devem ser observados e considerados para que a EAD realmente atinja os seus propósitos. Neste caso, os principais argumentos estão relacionados à qualidade dos cursos desenvolvidos, à ausência física do professor que não tem como acompanhar com mais atenção e rigor as atividades desenvolvidas, à falta de relacionamento entre os alunos, e até a falta de controle dos cursos por parte dos órgãos competentes:

A principal crítica refere-se à qualidade [...] O temor existente está associado à idéia de que a centralização das atividades nos computadores e na *web*, em bases que vão de 60 a 80% do total da carga horária destes cursos, irá fazer com que os estudantes leiam menos os cânones da pedagogia e das licenciaturas relacionadas ao exercício da educação. Excertos destes autores seriam a base dos estudos para esta formação [...] O conhecimento seria fragmentado. Penso que este problema não é exclusivo dos cursos em EAD, também é patente na formação presencial que não se estuda com a devida profundidade as obras [...] Outro aspecto relevante dos questionamentos quanto ao EAD refere-se ao apoio dado pelos professores responsáveis pela aprendizagem à distância. A tutoria, termo adotado pelos cursos em EAD para se referir aos profissionais que prestam assessoria *online*, deve ser responsabilidade de profissionais formados, de preferência que já tenham cursado no mínimo uma pós-graduação e que sejam totalmente versados no uso das tecnologias de informação e comunicação, com especial ênfase nos ambientes educacionais utilizados em EAD, como o Moodle e o Teleduc. O uso das tecnologias pelos alunos de EAD também é uma grande preocupação. Não apenas os professores devem conhecer as ferramentas e os equipamentos, mas aos educandos devem ser dadas orientações, informações

e formação constante sobre as ferramentas que compõem as plataformas em que os cursos de EAD ocorrem (MACHADO, 2008, p. 4-5).

Os pontos elencados pelos opositores devem ser considerados e aproveitados para cobrar de quem organiza e desenvolve EAD como objetivos a serem considerados, e como diz Machado (2008, p. 4), “[...] os pontos destacados por aqueles que criticam o EAD devem ser levados em conta a todo o momento até mesmo como indicadores de ações essenciais para a área”.

A EAD pode ser de grande utilidade para ampliar as possibilidades de educação da população, chegando aos mais longínquos rincões do país e atendendo também a todos os que necessitam estudar e não possuem a disponibilidade de tempo necessária para um curso presencial. Para atender também à necessidade de complementação de conhecimentos e à educação continuada, cada vez mais necessária em muitas profissões. O uso da tecnologia permite atender a estas realidades.

Segundo Kenski (2008, p. 3), “As tecnologias podem contribuir de modo decisivo para transformar a escola em um lugar da exploração de culturas, de realização de projetos, de investigação e debate”. Pois acreditamos que, de fato, a união das TICs com a escola permite uma nova dinâmica para as aulas, tanto do ponto de vista das aulas presenciais como para as aulas a distância. Afinal, como observa Machado (2008, p. 2), “[...] a EAD baseada em TICs é uma realidade consolidada”.

Referências

ALVES, João Roberto Moreira. A História da EAD no Brasil. In: LITTO, Frederic Michael & FORMIGA, Manoel Marcos Maciel. **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p.9-13.

AZEVEDO, Wilson. **Capacitação de recursos humanos para a educação a distância**. 2001. Disponível em: < www.lead.org.br/article/view/164/1/155>. Acesso em: 12 set. 2005.

FRANCO, Sérgio Roberto Kieling. O Programa Pro-Licenciatura: Gênese, Construção e Perspectivas. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Desafios da educação a distância na formação de professores**. Brasília, 2006. p. 27-37.

HARGREVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias: O redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**, n. 8, p. 58-71. maio/ago. 1998.

_____. **Gestão e uso das mídias em projetos de educação a distância**. Revista E-Curriculum. São Paulo, v. 1, n. 1, dez./jul. 2005-2006. disponível em: <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>>. Acesso em: 12 set. 2008.

_____. **Tecnologias digitais e a universalização da educação**. Disponível em: <<http://www.siteeducacional.com.br/br/artigosite.php?id=12>>. Acesso em: 10 set. 2008.

LITTO, Frederic Michael. Recursos educacionais abertos. In: LITTO, Frederic Michael & FORMIGA, Manoel Marcos Maciel. **Educação a distância: O estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p.304-309.

LITWIN, Edith. O bom ensino na educação a distância. In: _____. **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 9-11.

_____. Das Tradições à Virtualidade. In: _____. **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 13-22.

MACHADO, João Luis de Almeida. **O EAD na formação de educadores: Problemas e possibilidades**. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/imagens/artigos/diario/O-EAD-na-Formacao-de-Educadores_01.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2008.

MAIA, Carmem & MATTAR, João. **ABC da EaD**. 1 ed. São Paulo: Perason Prentice Hall, 2007.

MARCOLLA, Valdinei & PORTO, Tânia Maria Esperon. A formação do professor e as tecnologias de informática na Universidade Federal de Pelotas. In: **Novas tecnologias na educação**. Porto Alegre: CINTED-UFRGS. v. 2, n. 1, p. 1-8. mar. 2004.

MEB – Movimento de Educação de Base. Disponível em: <<http://www.meb.org.br/#quemsomos>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

MEC - Ministério da Educação. Portaria 4059/2004 – Dispõe sobre Educação Semi-presencial em cursos superiores. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/nova/acs_portaria4059.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2008.

MORAN, José Manoel. **Como utilizar a internet na educação**. 2000. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/2526032/Moran-Como-utilizar-a-Internet-na-educacao>>. Acesso em: 10 jul. 2008.

_____. **O Que é educação a distância**. 2002. Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moran/textosEAD.htm>. Acesso em: 12 set. 2005.

_____. **Educação inovadora presencial e a distância**. 2003. Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moran/inov_1.htm>. Acesso em: 12 set.2005.

_____. **Os modelos educacionais na aprendizagem on-line.** 2007. Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moran/modelos.htm>. Acesso em: 20 ago. 2008.

MOREIRA, Mércia et. al. A EAD no processo de democratização do ensino superior no Brasil. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Desafios da educação a distância na formação de professores.** Brasília, 2006. p. 191-210.

MOTA, Ronaldo; CHAVES FILHO, Hélio & CASSIANO, Webster Spiguel. Universidade Aberta do Brasil: Democratização do acesso à educação superior pela rede pública de educação a distância. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Desafios da educação a distância na formação de professores.** Brasília, 2006. p. 13-26.

MUNDIM, Kleber Carlos. Ensino a distância no Brasil: Problemas e desafios. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Desafios da educação a distância na formação de professores.** Brasília, 2006. p. 119-126.

OLIVEIRA, Gerson Pastre de. **Ciberespaço, conexões, interatividade:** um ensaio sobre pessoas que usam tecnologias. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos/ciberespaco-conexoes-interatividade-pessoas-tecnologias/ciberespaco-conexoes-interatividade-pessoas-tecnologias.shtml>>. Acesso em: 13 set. 2008.

REZENDE, Flávia Amaral. A complexidade possível de ser transposta na conformação de ambientes de ensino e aprendizagem a distância. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Desafios da educação a distância na formação de professores.** Brasília, 2006. p. 127-149.

SANTOS, Andréia Inamorato dos. A Universidade Aberta Britânica: Aberta às pessoas, lugares, métodos e idéias. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Desafios da educação a distância na formação de professores.** Brasília, 2006. p. 119-126.

SOUZA JÚNIOR, Arlindo José de & SILVA, Jean Carlo da. Informática e cultura profissional: O laboratório de informática da escola como espaço de formação. In: FONSECA, Selva Guimarães. **Currículos, saberes e culturas escolares.** Campinas: Editora Alínea, 2007. p.61-83.

TARDIF, Maurice & LESSARD, Claude. **O ofício de professor:** Histórias, perspectivas e desafios internacionais. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

TORI, Romero. Cursos híbridos ou *blended learning*. In: LITTO, Frederic Michael & FORMIGA, Manoel Marcos Maciel. **Educação a distância:** O estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p.121-128.

TORRES, Patrícia Lupion & FIALHO, Francisco Antonio Pereira. Educação a distância: Passado, presente e futuro. In: LITTO, Frederic Michael & FORMIGA, Manoel Marcos Maciel. **Educação a distância:** O estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p.456-461.

SEGUNDA PARTE

FORMAÇÃO DOCENTE E PROFISSIONALISMO